

A ROUPA

Bill Butterworth

Parte do sucesso que Rhonda e eu alcançamos em nosso casamento é a liberdade para explorar aspectos da vida que desafiam as regras tradicionais em relação ao gênero.

Eu cozinho - nada demais.

Ela conserta torneiras com vazamento - sem problemas.

Eu faço as compras do supermercado - e daí?

Ela manipula bem a serra de mesa, o serrote e a escavadeira - quem liga para isso?

Estas são as coisas que tornaram nosso casamento forte e estável.

Portanto, mal acreditei no que disse na semana passada, quando Jesse, uma tarde dessas, me pediu:

- Pai, preciso de urna roupa para a peça que estou ensaiando. - Não peça para mim. Vá e peça para a mamãe.

Nós dois, um pouco chocados, ficamos sentados ali.

- Por que, papai?

- Be... bem, eu não sei - gaguejei. - A não ser que seja porque eu não sei nada a respeito da última tendência das roupas ou porque não sei costurar ou porque você sempre pediu ajuda à sua mãe quando precisava de roupas - expliquei. - Por que você de repente veio pedir minha ajuda?

Depois de uma longa pausa, meu filho, com certa relutância, admitiu:

— Mamãe não está em casa e preciso da roupa... para hoje à noite.

— Hoje à noite?

— É... — concordou ele, forçando um sorriso. — É que acabei de me lembrar.

Esta é uma situação em que os pais têm de tomar uma decisão rápida: será que dou um sermão a respeito do perigo de deixar tudo para a última hora, ou corro auxiliar meu filho como se fosse concorrer ao título Pai do ano?

Após uma breve oração, optei pela solução Pai do ano.

— Tudo bem — comecei a dizer, bem devagar. — Qual é a primeira coisa que precisamos fazer?

Jesse sentou-se ali por um segundo e sorriu. Essa foi a forma não-verbal de dizer muito obrigado por eu ajudá-lo.

— Bem, primeiro precisamos ir a uma loja popular e comprar um par de calças fora de moda, que pareçam feitas de juta. Juta?

— É... Sou lenhador da época medieval.

Por que não podia ser Moisés, ou o detetive Dirk. Tracy, ou até mesmo Bozo?, pensei. Roupão de banho, sobretudo ou até Mesmo roupa de palhaço eram fáceis de encontrar.

— Muito bem — disse eu. — Loja popular, nos aguarde.

Fomos de carro e compramos um belo par de calças de juta. No caminho de volta para casa, Jesse me passou o restante de minhas incumbências.

– Agora temos de fazer com que essas calças fiquem esfarrapadas e com cara de velhas. Você sabe como, buracos e recortes denteados no traseiro.

Quando chegamos em casa, Jesse pegou a camisa, as botas e o chapéu, enquanto eu pegava a caixa de costura, que estava no armário do quarto, no lado reservado para Rhonda.

Ao encontrar Jesse na saleta, peguei as tesouras e comecei a cortar a camisa e as calças. Enquanto cortava, Jesse e eu conversávamos, ríamos e nos divertíamos a valer. A cena era realmente engraçada: dois homens lidando com objetos de uma caixa de costura.

Felizmente, a roupa tinha de ter aparência de "lixo", conforme a explicação de Jesse. Esse não seria um lenhador comum, pois ele caprichou na pobreza da personagem.

– Seu pai é muito bom nessa atividade de rasgar roupas – gabei-me, enquanto Jesse experimentava as novas calças velhas.

– É isso aí, papai. Perfeito!

Bem, é dessa maneira que as mães se sentem ao finalizar uma das muitas tarefas que fazem para os filhos! Não cabia em mim de tanto orgulho. No ensaio completo, com roupas e cenário, debrucei para cochichar com uma das mães presentes:

– Fui eu quem rasgou as calças que ele está usando!

Ela me olhou de modo gentil, mas zombeteiro. Ela não poderia adivinhar que eu acabara de descobrir o segredo para ganhar o título de Pai do ano: seja como a mamãe.